

Editorial

Nesta edição, contamos com artigos que tratam alguns temas relacionados à sustentabilidade, como inclusão e diversidade, experiência do usuário, mitigação de desastres naturais, biomateriais, análise de sistemas construtivos, inovação e espaços colaborativos. A variedade de temas é indicativa da abrangência de atuação do design e áreas afins, bem como da sua estreita relação com a sustentabilidade integral (social, econômica e ambiental).

Isso chama a atenção em relação a dois temas importantes. O primeiro tratando o relacionamento entre a sustentabilidade, o design e áreas afins. A atuação destes setores, que são relacionados ao planejamento e todo o processo de elaboração de projetos, tem o potencial de impacto significativo para o equilíbrio de que trata a sustentabilidade. Isso porque ao criar produtos dos mais diversos tipos, processos, serviços, existe a possibilidade de se tratar todo o ciclo de vida do que está sendo criado e a avaliação do impacto nos diversos *stakeholders*. Essa abordagem permite criar soluções sustentáveis mais abrangentes e viáveis do que ações de mitigação para reduzir os problemas e desequilíbrios das diversas ordens de soluções existentes, criadas sem uma preocupação holística, abrangente e de longo prazo. Acreditamos que a consciência dessa responsabilidade acelere as possibilidades de tomarmos o rumo adequado, enfrentando as diversas situações de desequilíbrio que efetivamente têm nos ameaçado. A mensagem dessa ameaça real tem chegado de forma cada vez mais contundente, pela intensificação dos desastres naturais (que afeta a todos, indistintamente), fome, conflitos, ficando impossível, mesmo aos menos sensíveis ao tema, permanecer alheio ao assunto. Deste modo, a incorporação de atributos de sustentabilidade ao design encontra maior valorização e o designer precisa estar preparado para essa atuação, não só atendendo a demandas, mas também provocando-a.

O outro, de que a sustentabilidade precisa se tornar um valor intrínseco de cada um de nós, pois o equilíbrio que ela preconiza é necessário a tudo que fazemos, tanto nas nossas atuações e relações pessoais quanto profissionais. Ainda temos que falar muito sobre o assunto, pois não faz parte da cultura de grande parte de nós. Mas vamos caminhando no sentido que um dia isso não será necessário, pois vai se tornar tão comum e intuitivo quanto respirar. Arriscando aqui a mencionar a programação neurolinguística que fala das quatro fases do aprendizado: incompetência inconsciente (o que não sei que não sei), incompetência consciente (o que sei que não sei), competência consciente (o que sei que sei) e a competência inconsciente (o que não sei que sei), acredito que, em relação à sustentabilidade, estamos na segunda fase, nos fortalecendo e intensificando na terceira. Trabalhamos para que, idealmente a médio prazo, grande parte de nós passe para a quarta fase, quando a atuação sustentável é algo instintivo, inerente aos nossos hábitos, que se faz sem pensar.

No contexto da redação deste editorial, assistimos ao filme *Megalópolis* de Francis Ford Coppola, um drama de ficção científica onde o personagem principal é, como descrito em sua sinopse, um “inventor megalomaniaco e egocêntrico que imagina uma metrópole autossustentável que cresce organicamente com seus habitantes”. Utopia, fábula são usados para descrever o que direciona a história, e um projetista com uma régua T iluminada é usado para representá-la. Cito aqui uma fala do protagonista, como um convite a vocês, leitores: “Estamos precisando de um grande debate sobre o futuro”.

Esperamos, com essa edição da Revista Transverso, contribuir de maneira significativa para este processo.

Boas inspirações!

Rosângela Míriam

Editora Chefe da Revista Transverso

Editorial [cont.]

SER PESQUISADOR

Escolhi este espaço, que me deram a honra de ocupar, para falar de um assunto que consome a todos. Trago aqui o ser pesquisador. Ser um profissional dedicado à ciência cobra seu preço de várias formas: em relacionamentos amorosos, em amizades, em saúde.

Passamos muitas horas de nossas vidas sentados na frente do computador ou do celular. Respondemos mensagens a qualquer momento. Fazemos reuniões em qualquer horário, com pessoas que estão do outro lado do mundo, às vezes. Ainda mais depois da pandemia, momento que trouxe a tecnologia de forma quase irreversível.

Claro que, em universidades, principalmente nas públicas, não somos somente pesquisadores. Somos professores, somos organizadores, somos editores, somos colegas de alguns poucos em nossas próprias instituições e de muitos em várias. Parece quase um paradoxo que confronta a distância com o número de parceiros que temos em nossas redes. Mas somos pais, somos mães, somos filhos. Sacrificamos muitas coisas. Sacrificamos amores! Sacrificamos amizades que podiam ter sido, para escrever mais um *paper*, ou para publicar mais uma edição. Talvez, só mais um projeto.

São amostras que precisam ser tiradas do forno. São materiais que precisam ser colados. São compras que precisam ser feitas. Às vezes, o mais duro de tudo isso é precisar cobrar daqueles que nos dispusemos a trazer para perto, a doar nossas horas, a alavancar carreiras, a impulsionar a vida financeira, ou pelo menos dar um pouquinho de respiro e compensação pelo trabalho que deveria ser prestado, o compromisso assumido de dedicação e apoio às atividades.

Realmente não descobrimos ainda, o que exatamente ganhamos com isso. Falo por nós aqui, dinheiro, com certeza não é. Mais trabalho? Sim, com certeza. Mais projetos? Reconhecimento talvez? De alguns poucos. Mas, reconhecimento para quê? Para mais projetos? Mas mais projetos só são necessários quando geram oportunidades para aqueles que nos cercam. Então penso que seja isso, ganhamos a possibilidade de gerar oportunidades. Mas perdemos muito com todas essas coisas que deixamos de lado, que perdemos ou pela cobrança que somos inevitavelmente compelidos a fazer. O triste é perceber que muitos daqueles que ajudamos nos deram um veredito. Nem sempre é o veredito que desejamos que nos fosse dado.

Ficamos pensando aqui, na possível felicidade daqueles que não assumem a carreira de pesquisa. Que disseram não a atividades extras e que colocam sua vida pessoal em primeiro lugar. Felizes daqueles que não têm a pesquisa, ou mesmo a extensão. Devem ser cheios de amizades e experenciam momentos ricos. Não “embaragam” em frente da telinha e vivem amores profundos.

Tristes somos nós, que entendemos tudo isso como uma alegria. Que enxergamos motivos para gerar oportunidades. Que nos autoescravizamos a duras chicotadas para poder fazer a diferença, que sonhamos com uma descoberta relevante que talvez nunca venha. E que, pasmem, gostamos disso, a ponto de transformar a carreira, e as pessoas que fazem parte dela, em sua vida pessoal. E que enxergamos um pesquisador distante, muitas vezes, como um amigo. Alguém que a ciência trouxe para perto de nós por alguma razão.

Então encerramos esse texto agradecendo a todos vocês, que confiaram em nós e que enxergaram a oportunidade que criamos e souberam aproveitá-la. E que, nessa edição da revista Transverso, fiquem evidentes as descobertas e a diferença que fazemos na ciência da sustentabilidade. Agradecemos a todos que participaram do ENSUS 2024, cujos destaques estão publicados nessa edição, de forma revisada e ampliada. Ficam também nossos agradecimentos aos editores da revista que nos concederam a oportunidade desse desabafo. Embora eu tenha escrito este texto com o par de mãos que me foram dadas, uso o plural porque tenho certeza que outros fariam das minhas palavras, as suas. Que tudo isso valha a pena! Que façamos a diferença! E que possamos fazer, através de nossa ciência, um mundo melhor.

Lisiane Ilha Librelotto

Editora convidada da 16ª edição da Revista Transverso